



Recebido em:  
06/07/2017  
Aprovado em:  
07/07/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## A IMPORTÂNCIA DA RESILIÊNCIA NO ÂMBITO EDUCACIONAL: UM ESTUDO TEÓRICO-PRÁTICO

MARIA APARECIDA ALVES DA SILVA  
ANA LÚCIA LEAL

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

### RESUMO

Este trabalho teve por objetivo pesquisar a atuação na prática profissional. Utilizamos questionários, observações de aulas e entrevista de autoconfrontação. Nossos objetivos foram resiliência e o/a professora com mais características resilientes mostrou-se humilde frente às dificuldades vivenciadas. A mesma diante de adversidades, não se ocuparam apenas à transmissão de limitaram de questões técnicas, trabalhando a interação e o lado humano dos alunos.

**Palavras-chaves:** Resiliência; Formação Humana; Educação

### ABSTRACT

The objective of this work was to investigate the resilient posture of teachers and their manifestation in professional practice. We used questionnaires, class observations and self-confrontation interviews. Our objectives were to carry out a theoretical study in order to verify how the researchers have been dealing with the resilience phenomenon and to observe how the resilient characteristics of the teachers materialized in their teaching practices. Two female teachers were selected to participate in the study, one with more resilient characteristics and the other less resilient. The teacher with more resilient characteristics showed humility in the face of the difficulties experienced. Both, even in the face of adversity, were not only concerned with the transmission of limited technical issues, working the interaction and the human side of the students.

**Keywords:** Resilience; Human formation; Education

### Introdução

O presente trabalho resultou de nossa pesquisa PIBIC/UFPE/CNPq, concluída no ano de 2016 e teve como problemática e questão norteadora “Investigar a postura resiliente dos professores e sua manifestação na prática profissional”. Interpretada como um “dom”, valorizada por todos os cidadãos e assumida pela sociedade como uma atividade pública, a atividade de ensino, com o predomínio e expansão das relações capitalistas dos últimos tempos, parece ter perdido o seu valor social (SINPRO, 2006).

Muitas são as situações adversas presentes no cotidiano das escolas brasileiras, sobretudo as públicas. Não raro o professor precisa lidar com o desinteresse dos alunos pelas atividades propostas nas disciplinas. impostas por um

modelo institucional equivocado, além do mau comportamento em sala de aula. Conflitos e intrigas criados por colegas de trabalho também fazem parte do cenário nas organizações de muitas instituições de ensino. Tais fatores podem gerar relações de desconfianças, individualismo e desrespeito.

Perante tantas situações adversas com que muitos professores se deparam, se pode concluir que nem sempre a tarefa educacional será fácil. Conhecer a si mesmo, acolher o diferente e suplantar os desafios tornaram-se práticas cada vez mais difíceis e não menos necessárias, demandando flexibilidade e criatividade. Além da formação pedagógica tradicional é importante tentar reconhecer e legitimar as diferenças e singularidades dos alunos. Muito mais do que favorecer e/ou estimular o desenvolvimento cognitivo, uma missão efetivamente educacional é quando o educador, em sua inteireza, assume o compromisso com a formação humana de seus educandos.

A observação do comportamento humano remete ao reconhecimento que há pessoas que conseguem enfrentar e superar situações adversas, evidenciando uma dignidade indiscutível e que por um ideal de vida e amor à causa conseguem realizar um intenso processo de transformação e amadurecimento de si mesmo. A compreensão destas posturas pode estar em estudos desenvolvidos pela Psicologia. Para Poletti e Dobbs (2007) há mais de quarenta anos esta ciência tem se interrogado sobre o fato de que certas pessoas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam aprisionadas na infelicidade e na angústia, presos nas teias da tristeza que se abatem sobre elas. A capacidade das pessoas manterem-se íntegras e conseguirem superar as adversidades do caminho chama-se resiliência (ANTUNES, 2007; COSTA, 1995; CYRULNIK, 2004; POLETTI, DOBBS, 2007; TISSERON, 2007).

Na perspectiva da resiliência, a experiência formativa tem como objetivo despertar as potências do humano que habitam em cada um, através de uma visão integral ou multidimensional. A noção de integralidade passa a representar um novo referencial a partir do qual pode emergir um caminho de superação dos problemas da educação na contemporaneidade. Acredita-se que pessoas com características mais resilientes podem mais facilmente vislumbrar uma visão integral do outro, até por viver de modo mais lúcido a sua própria multidimensionalidade.

## **Metodologia**

Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico a respeito da temática central da pesquisa, sendo ela resiliência, depois adentrando para sua relação com a educação, observando, principalmente, como se materializam as características dos professores selecionados na prática.

Posteriormente foi realizada a aproximação com as Instituições (levando-se em conta a facilidade de acesso), a fim de se obter escolas parceiras que pudessem viabilizar a realização do presente Projeto. Após haver a seleção de duas escolas (chamadas de A e B) foi colocado para seus diretores o objetivo do Projeto, as etapas que seriam realizadas, ressaltando a sua contribuição para uma formação mais humana dos profissionais envolvidos, sobretudo dos seus professores, em especial para os selecionados para a segunda etapa da pesquisa.

A partir do momento em que foi obtida a autorização dos responsáveis pelas escolas, os professores foram convidados para participarem do Projeto. 16 professores das duas escolas aceitaram participar da pesquisa. Ressalta-se que tanto as escolas, quanto os professores participantes não terão jamais as suas identidades reveladas.

Na etapa seguinte foi aplicado um questionário em todos os docentes com o objetivo de identificar os sujeitos com mais características resilientes, assim como os menos dotados. Ainda não se dispõe de uma tecnologia mecânica ou computadorizada que consiga medir o grau de resiliência. Tem-se recorrido a instrumentos vinculados à capacidade cognitiva e os questionários estão dentre esses recursos que viabilizam sua mensuração (BARBOSA, 2006). Adaptamos um questionário com 28 sentenças, baseados em vários estudos (POLK, 1997; JOB, 2003; BARBOSA, 2006; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006). As possíveis respostas utilizadas como indicadores de resiliência foram: nunca, poucas vezes, quase sempre e sempre.

Para a etapa seguinte foram selecionados dois professores, um caracterizado como o dotado de características mais resiliente e outro menos com menos características, de acordo com a resolução fornecida no questionário. Destacamos que a pontuação do questionário variou de zero a três, sendo o valor máximo possível, 84 pontos. Este valor caracterizaria a postura com mais características resilientes.

Os níveis de resiliência encontrados se basearam nas faixas apresentadas por Leal (2010, p.67), que foram: *De 0 a 21 pontos: Resiliência Baixa; De 22 a 42 pontos: Resiliência Média-baixa; De 43 a 63 pontos: Resiliência Média-alta e de 64 a 84 pontos: Resiliência Alta*. O último instrumento utilizado foi à entrevista de autoconfrontação simples. É válido ressaltar, que as atitudes dos professores seriam compreendidas e articuladas com fatos e situações que foram justificadas e jamais analisadas dissociadas de um contexto, como veremos a seguir.

## **Resultados e discussão**

Segundo a análise do questionário, dos 16 professores participantes, apenas um era do sexo masculino. As séries lecionadas variaram do 1º ao 5º ano, com exceção de uma turma do “Acelera”. A Turma do “Acelera” normalmente é considerada muito complicada de trabalhar, pois é composta por alunos fora de faixa, com *déficit*/dificuldade de aprendizagem. O Programa Acelera Brasil foi iniciativa do Instituto Ayrton Senna (IAS) em parceria com (FNDE/MEC) e da Petrobrás e, tem por objetivo corrigir o fluxo de repetência em massa e tem como foco a aceleração da aprendizagem, baseada em uma aprendizagem de qualidade (LALLI, 2000).

Foram selecionadas duas professoras para participarem da terceira etapa da pesquisa (entrevista de autoconfrontação), sendo uma com características mais resilientes e a outra, menos resilientes. A fim de mantermos o sigilo de ambas, as chamaremos, a partir de agora, de Cláudia a mais resiliente (P1) e Paula (P16) a com características menos resilientes.

## **Cláudia, a professora que apresentou o maior índice de resiliência da amostra**

Percebemos que Cláudia, desde nosso primeiro encontro (aplicação do questionário), se mostrou um pouco inquieta/apreensiva, mesmo após o comunicado da gestora e da nossa apresentação do projeto. O mesmo ocorreu na 2ª parte da metodologia, durante as observações de suas aulas, apesar de ter gradativamente demonstrado estar mais relaxada e confiante.

Como já mencionado, a segunda etapa da metodologia de nossa pesquisa foi a observação das aulas das professoras. Em nosso primeiro dia de observação, apesar de acolhidas pela professora, não fomos apresentadas à turma. Após algum tempo, nesta aula, a gestora compareceu a sala e orientou-os a se comportarem, pois estavam com visita (fazendo referência a nossa presença) e ainda afirmou: “mostrem que são inteligentes, educados”. Logo em seguida a professora disse “eita esqueci de falar” e reforçou: “ela está anotando quem está comportado fazendo a tarefa e, não está gostando do barulho e da falta de atenção”. Lamentamos profundamente ambos os comentários, pois eles poderiam inibir os alunos em relação à nossa presença, que poderiam ficar desconfiados e até amedrontados, colaborando para que adotassem posturas que não fossem espontâneas. Apesar disso, segundo a professora, o objetivo de sua fala foi para que eles ficassem menos eufóricos, mas pareceu que a nossa presença em sala de aula poderia ser útil também para manter a turma sob controle.

No início (primeiro dia) a turma ficou um pouco tímida, porém em pouco tempo pareceram retornar ao comportamento usual. Nosso período de acompanhamento das aulas foi entre os meses de outubro e novembro de 2015, resultando em nove encontros. Esta turma era composta por 27 alunos, numa faixa etária de 6-7anos de idade. A estrutura da sala, para a quantidade de alunos, era suficiente, sendo bem iluminada, porém um pouco quente, apesar do uso de um ventilador.

Na 3ª etapa, no momento da entrevista de autoconfrontação, pedimos autorização para gravar o áudio. Posteriormente foi realizada a sua transcrição para as devidas análises. A seguir apresentaremos 16 recortes[1] que entendemos como úteis para a discussão de nossa temática.

Esta professora passou várias situações difíceis em sala de aula. Sabemos que a missão de ser professor não é fácil,

pois as adversidades são constantes e inevitáveis. E como não poderia ser diferente, a professora considerada com posturas mais resilientes passou por momentos difíceis. É válido salientar que a resiliência não é imutável, constante e que os problemas podem inibir e, de certa forma, alterar a sua expressão.

E isto foi vivenciado por Cláudia, como podemos observar no recorte 2. Nesta ocasião, um garoto chorou para ir assistir os colegas que estavam se preparando para apresentação de uma peça teatral, porém, a emoção do aluno não comoveu a professora, já que ele ainda estava com a atividade a concluir, como podemos observar em sua fala (recorte 1):

**Recorte 1 - Cláudia:** *pode chorar, mas só sai quando terminar.*

A mesma afirmou que o motivo do ocorrido foi trabalhar a responsabilidade, como podemos perceber no recorte 2.

**Recorte 2 - Cláudia:** (riso apreensivo) *Eu nem lembrava disso. [...] Às vezes eu reajo dessa forma, mostrando a eles que compromisso é compromisso. A gente tem que ter responsabilidade. [...] às vezes eu penso que exijo muita responsabilidade deles, por eles serem tão pequeninos eu exijo demais. Mas é de pequenininho que a gente aprende a ser responsável, então, [...] se eles deixam metade da tarefa sem concluir, vão se acomodando e vão se tornando pessoas adultas irresponsáveis.*

Foi possível perceber que durante a confrontação com alguns momentos fortes vividos pela professora em sala de aula (impaciência, estresse), Cláudia, repetidas vezes, aludiu não recordar dos episódios, o que poderia sugerir, de certa forma, uma postura defensiva.

Percebemos a falta de paciência da professora ao ver uma garota fazendo a atividade errada. Daí, pedimos para a mesma comentar sobre a frase “*apague todas as frases que está tudo errado, você se faz de besta*”, dita por ela no momento do descontrole em sala (recorte 3).

**Recorte 3 - Cláudia:** (rindo e afirmando, “*tudo tu anota*”) *Analizando agora o que eu disse, é constrangedor, Acho que teria outra forma de repreendê-la e no momento eu agi de forma, errada, que não é do meu costume. Acho que foi o momento que fez com que eu agisse dessa forma, sendo um pouco rude com ela, dizendo que ela estava totalmente errada. Eu poderia ter agido de outra forma: “Oh, não tá certo, vamos fazer melhor, você consegue, vamos melhorar aqui, aqui está falta uma letrinha”.*

Mais uma vez, notamos momentos de paciência da professora diante das dificuldades dos alunos, ao afirmar: “*você deve ter algum problema, porque não consegue copiar correto!*” e: “*Oh, aluno perturbado*”. Diante do ocorrido, a mesma argumentou, no recorte 4, o seguinte:

**Recorte 4 - Cláudia:** *(Tanta coisa, meu Deus!) [...] Eu não estou lembrada que falei isso. Mas com certeza são maneiras que constroem os alunos, sim. Infelizmente aconteceu. É a situação, o estresse que às vezes leva a isso. [...] Mas eu acho que seja o momento, o dia, a situação que às vezes leva você a fazer esse tipo de coisa, que depois reflete: “Poxa, não é assim”.*

Ressaltamos que diante dessas situações, Cláudia assumiu com humildade os seus equívocos e refletiu sobre suas posturas. É válido salientar que, apesar de não ter lembrança de alguns episódios, não questionou os nossos registros em relação a sua atuação em sala de aula. Esse posicionamento está de acordo com as ideias de Leal (2011), quando considera que ser resiliente não significa que o indivíduo esteja isento das dificuldades vivenciadas no dia a dia, pois as adversidades podem alterar sua expressão.

Diante das adversidades diárias que enfrentou em uma aula de Matemática, conseguiu agir com paciência no momento em que os alunos não conseguiram acompanhar a explicação, durante a resolução de um exercício. Apesar disso, demonstrou flexibilidade diante das diferenças (recorte 5).

**Recorte 5- Cláudia:** *[...] Como você pôde vê, alguns alunos assimilam fácil, [...] tem criança mais lenta, então o professor tem que ter essa flexibilidade, de dar atenção. [...] Aquele E..., ele quer responder sem raciocinar, [...] ele quer de outra forma e não da forma que os meninos aprenderam, mas da forma dele, ele conseguiu. Então acho que o professor tem que ser flexível p'ra essas coisas, né*

Foi visível a preocupação/cuidado da professora com os assuntos que transcendem o aspecto puramente pedagógico. Podemos ilustrar essa situação no momento em que um garoto pegou uma caneta que estava no chão e não a devolveu ao respectivo dono. Nesta ocasião, a professora entrevistou com um comentário que fez o garoto repensar a sua atitude até devolvê-la. Ela comentou a sua postura no recorte 6.

**Recorte 6 - Cláudia:** *[...] A gente não tá ali só para ensinar o aluno a ler e a escrever, mas principalmente, o valor humano, cidadania, então a gente, como professor, tem que tá atento para esse olhar, não deixando essas coisas passarem despercebidas. [...] Nas minhas aulas, no meu dia a dia com eles, sempre quando eu tenho oportunidade, trabalho isso, apesar de serem muito pequenos. [...] É seu Não. Então, o que não é da gente, a gente não pega.*

Em meio a tantas adversidades, vivenciadas em sala de aula, Cláudia conseguiu elogiar um garoto ao vê-lo quieto e fazendo atividade, cena rara, pois semanas antes não se mostrava bem comportado. Ao finalizarmos o relato da cena, a professora se sentiu feliz (riu mencionando o nome do garoto) e logo afirmou (recorte 7):

**Recorte 7 - Cláudia:** *(Rindo) O incentivo é muito importante, ver o lado bom deles. Na medida em que você faz o elogio, ele se sente alegre. [...] Ele olha para você com outro olhar. [...] quando faz coisa errada é claro que reprimo, eu chamo atenção dele, mas quando ele faz por merecer, eu estou sempre elogiando.*

Cláudia se mostrou uma pessoa determinada, sempre buscando o melhor para sua turma, por mais trabalhosa que seja, até pela quantidade de alunos. Ela apontou recompensas da profissão (recorte 8).

**Recorte 8 - Cláudia:** *O dinheiro com certeza não é (Rindo), [...] é o resultado final. Você vê aquelas criancinhas que não sabiam ler nem escrever, com todas as dificuldades superadas. Até fiz um trabalho final do PNAIC e apresentei no Sindicato. Eu disse: “eu vou mostrar o resultado final”, que foi muito surpreendente para mim. Eu vim de uma zona rural que tinha desse tantinho assim de alunos. [...] Vim parar na cidade, uma sala superlotada, realidade diferente. [...] Eu acho que 60% dos meus alunos saíram produzindo. [...] Eu não fiz 100%, pelas dificuldades, pela quantidade. Mais eu acredito que 90% eu fiz.*

A sensibilidade e a responsabilidade dela com os pequenos detalhes (enxergar o lado positivo dos alunos problemáticos) foram fortes durante o período das observações. Ela tomou um garoto como exemplo, que no início não estava copiando as atividades e, após a sua intervenção, terminou antes de muitos colegas (recorte 9).

**Recorte 9 - Cláudia:** *[...] a mãe dele chegou e disse: “professora, U... hoje está com muita preguiça”. [...] ele se debruçou em cima da cadeira, dos cadernos. [...] eu falava com ele, no dia anterior: “U... as tarefas”, aí eu percebi que ele não estava bem, que ele não estava ali para estudar. [...] Não era bom, naquele momento, eu forçar ele a fazer algo que não queria. [...] No outro dia ele volta querendo fazer a mesma coisa. Eu cheguei perto dele e fiz a minha intervenção “ei, não é bem assim, eu respeitei seu momento de ontem. [...] Ontem tia deixou, mas hoje tia não vai deixar”. E ele me compreendeu [...] ele prosseguiu com as tarefas. [...] É uma questão de respeito, de saber como lidar com a situação.*

Ela também estimulou momentos de solidariedade entre os alunos. Isso ocorria quando alguém, após concluir a sua atividade antes dos demais, é chamado a auxiliá-los. Segundo a professora, essa prática acontecia com rotina, como veremos no recorte a seguir (recorte 10):

**Recorte 10 - Cláudia:** *[...] Eu sempre faço isso, aqueles alunos que estão mais adiantados darem suporte aqueles outros e é uma coisa que eu vejo que flui que dá rendimento.*

Apesar do estresse, flexibilidade/compreensão foi vivenciado por parte da professora para com os alunos. Isso ocorreu, por exemplo, quando uma garota foi impedida de lanchar na sala de aula e logo depois a professora voltou atrás, autorizando quem havia terminado a atividade proposta a se alimentar (recorte 11).

**Recorte 11 - Cláudia:** *Percebo que sou muito rígida. [...] Não pode lanchar no período que está fazendo as atividades. Às vezes vem uma criança sem tomar café. [...] ele vai lá na mochilinha e pega alguma coisa para comer. Aí eu vou lá e restrinjo; “você não pode comer, tá no horário de aula”. Mas, meu Deus, e se ela estiver com fome É coisa assim, que mexe com você. [...]*

Quando pedi para mencionar as características que ela acreditava ter, riu e afirmou ser difícil falar de si mesmo

(recorte 12).

**Recorte 12 - Cláudia:** *Falar de si mesmo é difícil! [...] eu sou muito compreensiva [...] e aberta à crítica, a ver o outro como ser humano. Eu tenho essa característica de não tá julgando as pessoas. Eu busco sempre dar ao outro aquilo que eu quero receber. [...] Quando eu olho para meus alunos é como se eu estivesse olhando para meu filho, em sala de aula. [...] Se eu não quero isso para o meu filho, porque é que eu vou ser essa professora para o filho do outro*

Cláudia considerou difícil separar os problemas profissionais dos pessoais. Porém, aludiu que essa é uma das tarefas que sempre busca fazer (recorte 13):

**Recorte 13 - Cláudia:** *[...] Se a gente levar os problemas para a sala de aula, não é legal e eles não têm nada a ver com nossa vida pessoal.*

Quando interrogada sobre sua prática no momento em que colocou toda a turma para recolher o lixo que tinha ao redor de cada aluno, a mesma aludiu isso ser rotina (recorte 14):

**Recorte 14 - Cláudia:** *Sempre faço isso, “lixo no lixo”. “Onde é o local do lixo No lixeiro”. Então eles têm essa consciência, mas muitas vezes esquecem. Mas eu sempre faço essa intervenção. [...] Até chegou ao caso de pegar a vassoura e dá pra eles varrerem a sala, catar o lixinho, pegar a pазinha, colocar o lixo. Eu pego e mostro para eles, “veja como a sala tá feita, a gente chega ela tá toda arrumadinha, limpinha”.*

Quando questionada sobre sua postura, ao colocar um garoto para falar sobre um tema e orientou os demais a prestarem atenção, informou que estava ressaltando a importância do respeito pelo outro, como mostra o recorte 15.

**Recorte 15 - Cláudia:** *[...] é a questão de ouvir o outro, quando o aluno tá falando a gente tem que ter esse cuidado de ouvir o outro.*

Por não termos sido apresentados à turma, acabamos gerando curiosidade nos alunos. Ela, diante da situação, informou: *“ela está anotando quem está comportado, fazendo a tarefa e não está gostando do barulho e da falta de atenção”*. A mesma afirmou que a explicação fornecida por ela à turma a respeito do meu objetivo foi proposital (recorte 16).

**Recorte 16 - Cláudia:** *[...] Foi para ver se eles tinham um pouco mais de calma na sala, menos agitação. Eu pensei que ia funcionar (rindo). Só que foi o contrário. Quando tem uma visita eles ficam mais agitados. [...] Só não foi contigo, foi com a supervisora, com a diretora...*

De acordo com os relatos das observações, podemos perceber que Cláudia, desde início da pesquisa, se mostrou uma pessoa pouco paciente e de personalidade forte, não medindo esforços para manter a sala sob controle. Ao se deparar com alguns recortes de observações selecionados por nós, destacamos a sua sinceridade, quando assumiu que havia extrapolado com alguma atitude radical, reconhecendo que poderia ter agido diferente e demonstrando humildade em se dispor à mudança.

## **Paula, a professora que apresentou o menor índice de resiliência da amostra:**

A segunda professora selecionada a participar das demais etapas da pesquisa, a que apresentou menos características resilientes da amostra, Paula, desde nosso primeiro encontro (aplicação do questionário) até os últimos contatos se mostrou preocupada.

A turma a qual Paula ministrou aulas fazia parte de um projeto do Governo Federal, conhecido por “Acelera”. Durante as nossas primeiras observações, a professora demonstrou muito cuidado em lidar com a turma e acreditamos que isso ocorreu a fim de evitar um confronto direto com a mesma. No decorrer desta etapa, pareceu estar ganhando confiança em si e passou a se sentir mais à vontade.

Em nosso primeiro dia de observação, fomos acolhidas pela professora Paula e convidadas a entrar, porém não fomos apresentadas à turma. Como era esperado, após algum tempo, os alunos questionaram a nossa presença. Como resposta, a mesma mencionou a atividade de observação como sendo um “trabalho da faculdade”. A turma aceitou a resposta, porém às vezes foi um pouco complicado, pois alguns alunos ficaram se aproximando repentinamente para ler os escritos da aula. Ao perceber a ação deles, Paula pediu que se retirassem e nos deixassem concluir o trabalho.

Como já mencionado, o período de acompanhamento das aulas foi entre os meses de outubro e novembro, resultando em nove observações. A turma de Paula era composta por 15 alunos, numa faixa etária entre 10-15anos de idade, segundo dados da secretária da própria escola.

Antes de atingirmos a 3ª etapa da pesquisa, na ocasião da entrevista de autoconfrontação, surpreendemo-nos com a notícia de que a professora Paula que não iria mais participar da nossa pesquisa, pois o seu contrato com a prefeitura não havia sido renovado. É válido salientar que todos os participantes, desde o início da pesquisa, tinham conhecimento de uma cláusula presente no TCLE que assegurava a retirada de sua participação em qualquer etapa da mesma.

A despeito do ocorrido, que independeu de nosso compromisso e investimento, e para honrar o compromisso assumido em nossa pesquisa PIBIC, decidimos apresentar os recortes principais obtidos em nossas observações, tecendo algumas reflexões e comentários. Neste sentido, informamos que apresentaremos, a seguir, 13 recortes:

Em nosso primeiro dia de observação a turma recebeu a visita da coordenadora da escola. Nesta ocasião, ela fez algumas interrogações junto à turma, tais como o porquê de dois garotos não estarem participando das atividades propostas e comentou sobre a nova oportunidade que haviam sido contemplados (se referindo ao Programa “Acelera”). Porém, foi notório perceber nas falas dos próprios alunos o preconceito/angústia de quem participa deste programa, ou seja, a concepção dos alunos nos revelou que as pessoas participantes do Programa “Acelera” são vistas como fracassadas e parecem à margem da sociedade.

Como já mencionado, a turma desde início se mostrou difícil de trabalhar. Em conversa informal com Paula, a mesma mencionou que no início do ano, por pouco não desistiu de ministrar aula para eles, em função da rebeldia. A mesma aludiu que ainda tinha alguns com dificuldades, porém avanços já existiam, como alunos lendo e escrevendo, fazendo operações, além do interesse em participar das atividades, até mesmo como possível “válvula de escape” para sair do programa. Apesar das dificuldades, podemos afirmar que houve conquistas e isso foi confirmado quando uma aluna mencionou: “eu não sabia escrever direito”. Durante a conversa, percebi a satisfação da garota quanto ao seu progresso no processo de aprendizagem e na superação das dificuldades.

Podemos perceber que em alguns momentos, Paula apresentava um sentimento de impotência frente às rebeldias dos alunos, como podemos observar nos recortes de 1 e 2, retirados das observações em sala.

**Recorte 1:** Dois garotos trocaram pancadas. Ela mandou um deles mudar de lugar e o ameaçou levar para secretaria, mesmo assim ele resistiu e não mudou.

**Recorte 2:** Logo que cheguei, me deparei com um aluno deitado em cima da mesa.

É válido salientar, que esta última cena foi constantemente observada, com os alunos ignorando a intervenção da professora e parando apenas quando desejavam. Foi perceptível, em alguns momentos, o prazer dos alunos em aborrecê-la.

Suponhamos que seja, também, por estarem na adolescência. Como se sabe, se trata de um momento de busca pela própria identidade, com baixa tolerância à frustração e a diferença de interesses entre filhos e pais provoca confrontos, aumentando o comportamento de rebeldia e de oposição (recortes 3).

**Recorte 3:** Quando ela foi ao quadro corrigir a atividade, um aluno afronta-a respondendo errado, mesmo sabendo a resposta correta.

Dentre tantas outras situações delicadas, destacamos às voltadas à área da sexualidade e da agressividade (entre os alunos e até mesmo com a professora). Isso ocorria, sobretudo, quando a professora interferia nos momentos de

distrações e de bagunças. Nestes momentos, quase tudo era motivo de agressão, seja ela verbal ou física. Acreditamos que a agressividade entre eles e com a professora era tão comum, que mesmo quando não havia motivo, um sempre procurava algo para irritar o outro.

Gostaríamos de ressaltar, que retiramos a maior parte dos diálogos que continham expressões vulgares e palavrões, desnecessários a um artigo científico e mantivemos apenas o que julgamos adequado, a título de ilustração. Os recortes selecionados serão apresentados a seguir (recorte 4 até o 9).

**Recorte 4:** Ao abrir o caderno de um aluno ele a repreendeu dizendo: “quem mandou mexer sem minha autorização” ela respondeu: “mexo se eu quiser”, se igualando ao aluno.

**Recorte 5:** Um garoto que estava com os materiais guardados rebolou em direção ao colega e o rapaz que estava sofrendo a ação frente à turma, disse: “vou colocar o lápis no seu”.

**Recorte 6:** Um dos alunos de trás chamou a garota que estava sentada no lugar de outro garoto de: “vem mulher de rua”

**Recorte 7:** Uma garota, ao abraçar e beijar a colega no rosto recebeu nome de “sapatão”.

**Recorte 8:** Um aluno apareceu na aula com um estilete grande. Um de seus colegas pegou-o e fez gestos de ameaças para uma garota. À professora repreendeu a atitude do garoto, mas acreditamos que ela não tenha visto o objeto em sua mão, porque ela não o recolheu e sabemos que ele é de uso proibido nas escolas, por ser um objeto cortante e considerado uma arma perigosa.

**Recorte 9:** Enquanto a professora recolhia os materiais do cantinho da leitura, dois alunos trocaram pancadas violentas. Um dos golpes atingiu as proximidades do olho direito de um deles e a professora, prontamente, os levou para a coordenação.

Pelo exposto, podemos considerar que essas cenas foram constantes e até naturais para alguns. Como foi frisado por Paula em suas aulas, acreditamos que seja por serem forçados a estudar, visto que a presença em sala de aula era um dos requisitos para a permanência do auxílio Bolsa Família e como requisito para o recebimento de um programa Municipal chamado: “Projeto Renasce uma Esperança”.

Diante desta vasta quantidade de adversidades e de provocações vividas diariamente, momentos de desequilíbrio da professora eram esperados, pois ser resiliente não significa ser invulnerável. Veremos momentos em que Paula não mais suportou a postura dos alunos e passou a adotar atitudes mais duras, como gritar constantemente e ser irônica.

Apesar de tudo, Paula não se limitou à técnica, sempre demonstrando preocupação em trabalhar questões humanas voltadas ao desenvolvimento moral, à formação integral do ser, o incentivo pelo interesse pelos estudos, assim como mostrando a capacidade de romperem as limitações de aprendizagem, ou seja, esboçou atitudes que vão além do puramente acadêmico (recortes 10 e 11).

- **10:** A professora repreendeu uma aluna por ela estar descalça e disse: “calça essa sandália, porque você não está em casa”.

**Recorte 11:** Repreendeu um garoto porque ele estava falando palavrão e disse que o mesmo estava em sala e não na rua.

O fato de não dar a devida atenção a certos comportamentos, pareceu-nos uma estratégia de sobrevivência para evitar os constantes atritos. Isso pode ser ilustrado nos recortes 12 e 13:

**Recorte 12:** Um dos alunos que estava sentado no fundo da sala queimou o caderno utilizando um vidro e o sol. A professora não percebeu a ação, pois o garoto estava no último lugar, porém os alunos avisaram, mas ela não deu atenção e permaneceu com a leitura individual.

**Recorte 13:** A professora reagiu com tranquilidade/não deu importância quando um aluno reclamou que escreveu errado por causa dela. Mas, na verdade, esse erro foi cometido devido a um mal entendido, ou seja, durante o ditado o garoto fez uma pergunta à professora e a mesma respondeu, porém na hora da correção estava errado.

Infelizmente, como já mencionado, por motivos superiores a nossa vontade, não foi possível discutir esses recortes com a professora Paula, portanto registramos apenas as nossas impressões. Pelo exposto, podemos dizer que a percebemos tranquila e que se mostrou um pouco inexperiente quanto à função assumida. Diante disto, foi compreensível a postura passiva que adotou em alguns momentos que justificavam uma postura mais enérgica e propositiva.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas diariamente em sala de aula, buscou trabalhar além dos conteúdos puramente pedagógicos, tais como: a cidadania, a ética, o respeito ao próximo, entre outros. Mostrou-se preocupada com os alunos, o que contribuiu, aparentemente, para que tivessem uma relação afetuosa, apesar da rebeldia.

### **Considerações finais**

Após a análise dos dados das duas professoras, podemos concluir que Cláudia, apesar de ter demonstrado um perfil mais agressivo, se mostrou paciente em momentos de dúvida, disponibilizando tempo nas aulas para o auxílio dos alunos, assim como se preocupando quanto à aprendizagem dos mesmos. Diante dos recortes das observações em sala de aula apresentados por nós, assumiu, com sinceridade, quando extrapolou com alguma atitude radical e reconheceu que poderia ter agido de modo mais adequado. Além disso, demonstrou humildade em se dispor à mudança a partir da observação de suas posturas enquanto professora[2].

Paula, a professora com menos características resilientes da amostra, apesar de ter se mostrado inexperiente, não deixou de enfatizar o processo de ensino-aprendizagem, assim como a interação entre os pares. Em momentos de distrações dos alunos, esteve sempre atenta com a finalidade de trazê-los ao objetivo das aulas, embora algumas vezes não tenha tido sucesso.

Boa parte dos alunos se sentia bem no ambiente escolar, em especial os alunos do 1º ano. Acreditamos que, por mais que a professora destes tenha sido radical com suas normas, eles compreendiam o motivo pelo qual estavam sendo exigidos, apesar de serem crianças. Eles não se intimidaram com nossa presença,

Os alunos do Programa “Acelera”, desde o início, se mostraram difíceis de trabalhar. A rebeldia não tinha limite, embora alguns estivessem realmente interessados em aprender. De modo geral, a concepção dos participantes do Programa era aversiva, deixando entender que são compreendidos como inferiores aos demais e que estão à margem da sociedade.

É válido salientar que, tanto Cláudia, quanto Paula, não se limitaram a questões técnicas, ou seja, sempre buscaram trabalhar o lado humano dos alunos, mesmo diante de suas dificuldades e particularidades.

## **Referências bibliografia**

ANTUNES, C. *Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, G. Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006. Disponível em [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn).

Acesso em: 14 Feb. 2009.

COSTA, A. C. G. *Resiliência*. Pedagogia da presença. São Paulo: Modus Faciend, 1995.

CYRULNIK, B. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JOB, F. P. P. Resiliência na organização: Estudo de caso da medição e avaliação da resiliência de indivíduos em uma organização industrial. *Rev. Fac. Ciênc. Méd.* Sorocaba. v. 5, n.1, p.33-42, 2003.

LALLI, V. S. O Programa Acelera Brasil. *Em aberto*, Brasília, v. 17, n 71, p. 145-148. Jan. 2000.

POLETTI, R.; DOBBS, B. *A resiliência: A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

POLK, L. Toward a middle-range theory of resilience. *Advanced Nursing Science*. Washington, 19, 1–13. 1997.

SINPRO/ Bahia, 2006. Disponível em: [www.sinpro/ba.com.br](http://www.sinpro/ba.com.br). Acesso em 20/03/2006.

TISSERON, S. *La résilience*. Que sais-je Dépôt legal. Paris: Press Universitaires de France, 2007.

---

[1] Os recortes das falas serão apresentados em itálicos e nossos comentários em texto comum.

[2] *Analisando agora o que eu disse, é constrangedor, Acho que teria outra forma de repreendê-la e no momento eu agi de forma errada, que não é do meu costume. Acho que foi o momento, que fez com que eu agisse dessa forma, sendo um pouco rude com ela, dizendo que ela estava totalmente errada. Eu poderia ter agido de outra forma: “[...] não tá certo, vamos fazer melhor, você consegue, vamos melhorar aqui, aqui está falta uma letrinha”.*